



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE PEDAGOGIA

LILIAN MARTA DA SILVEIRA

SANDRA MARA ARINI

**O HAITI TAMBÉM É AQUI: ESTUDANTES HAITIANOS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)**

CHAPECÓ

2016

LILIAN MARTA DA SILVEIRA

SANDRA MARA ARINI

**O HAITI TAMBÉM É AQUI: ESTUDANTES HAITIANOS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador (a): Profª Drª Izabella Barison Matos.

CHAPECÓ

2016

LILIAN MARTA DA SILVEIRA
SANDRA MARA ARINI

**O HAITI TAMBÉM É AQUI: ESTUDANTES HAITIANOS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Izabella Barison Matos.

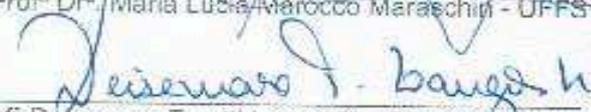
Este trabalho de conclusão do curso foi defendido e aprovado pela banca em:

22.06.2016

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Izabella Barison Matos (orientadora)


Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Marocco Maraschin - UFFS


Prof^a. Denise Maria Turetti Langoski - Doutorado/UFSC

O HAITI TAMBÉM É AQUI: ESTUDANTES HAITIANOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS)

Lilian Marta da Silveira¹
Sandra Mara Arini²
Izabella Barison Matos³

Resumo

O terremoto que atingiu o Haiti, em 2010, deixou milhares de desabrigados, mortos e feridos. Uma das consequências foi a emigração, sendo um dos destinos, o Brasil e, neste, Chapecó. A demanda por ensino superior se deu por meio de um grupo de haitianos que buscou dirigentes da UFFS, os quais criaram, em 2013, o Programa de Acesso à Educação Superior da Universidade Federal da Fronteira Sul para Estudantes Haitianos (PROHAITI). A partir de pesquisa qualitativa, descritiva, que teve como instrumentos de produção de dados: entrevistas, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e diário de campo, pretendeu-se compreender o processo de inserção e de permanência de haitianos na UFFS, no *campus* Chapecó (SC). Assim, procuramos conhecer a história do Haiti, verificamos como ocorre o acolhimento e a inserção desses imigrantes na UFFS, levantamos como os haitianos têm percebido esse novo contexto em suas vidas; bem como, os problemas enfrentados, a fim de proporcionar subsídios ao PROHAITI, que está em processo de avaliação. Os resultados preliminares apontam para a necessidade de elaborar um projeto/programa PROHAITI, uma vez que o existente é regido por resoluções e editais e precisa ser legitimado como política pública. Da mesma forma, pelos relatos de estudantes e de gestores, devem ser criadas estratégias de enfrentamento mais eficazes para que a permanência de haitianos na universidade não seja inviabilizada pelo fato de serem estudantes trabalhadores; pelas atitudes racistas de parte da comunidade acadêmica; pelas barreiras linguísticas; dentre outras.

Palavras-chave: Ensino Superior. Haitianos. Acesso universidade. PROHAITI. Política pública. Educação.

Introdução

Há séculos a população haitiana sofre com a instabilidade política, problemas sociais e econômicos. Com o intuito de promover a paz e restaurar a ordem no país, a Organização das

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul; lilian.silveira-cco@hotmail.com

² Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul; sandra.arini@yahoo.com.br

³ Doutora em Ciências – Saúde Pública (Fiocruz); docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), nos cursos de Pedagogia e de Medicina – *Campus* Chapecó; membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da UFRGS; izabmatos@gmail.com

Nações Unidas (ONU) criou as Missões das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), em abril de 2004, ficando o exército brasileiro como líder dessa missão (ALESSI, 2013). Autores mostram que este quadro agravou-se, em 2010, com o terremoto que atingiu diretamente a capital Porto Príncipe, bem como as cidades de Leogane e Jacmel, ocasionando milhares de mortos e feridos (RAMOS, RODRIGUES E ALMEIDA, 2011). Desta forma, a necessidade obrigou haitianos a emigrar em busca de trabalho, segurança e, principalmente, pela decisão de encontrar um lugar para terem melhores condições de vida. Seitenfus (2014) informa que há, aproximadamente, 4 milhões de haitianos fora do Haiti.

É sabido que o terremoto que atingiu o Haiti, em 2010, deixou milhares de desabrigados, mortos e feridos. Uma das consequências foi a emigração, sendo um dos destinos, o Brasil. Em Chapecó⁴, no Oeste de Santa Catarina, os primeiros haitianos chegaram trazidos por empresários que foram até ao Estado do Acre em busca de mão de obra, pois havia vagas em postos de trabalho locais que não eram preenchidas por trabalhadores do entorno. Atualmente, estima-se que estejam morando em Chapecó e região cerca de 4 mil haitianos, segundo informações obtidas no Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) Marcelino Chiarello – UFFS, de Chapecó. Embora não seja uma afirmação segura e exata, pois nenhum órgão oficial possui tal informação precisa, sabemos que há pesquisas em curso para que, entre outros, obtenham-se tais dados.

A demanda por ensino superior se deu por meio de um grupo de haitianos que buscou dirigentes da UFFS, os quais criaram, em 2013, o PROHAITI. A partir daí, por meio de um processo seletivo especial, haitianos podem acessar cursos superiores dessa IES. No entanto, são de conhecimento de parte da comunidade acadêmica e de dirigentes universitários, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes haitianos. Algumas delas são: falta de domínio da língua portuguesa escrita e falada⁵, sendo que alguns têm domínio da língua espanhola; baixo capital econômico e social; além de inadaptação à nova vida, tanto na dimensão pessoal como profissional. Estudantes haitianos trabalham em diferentes turnos e no contraturno da universidade – principalmente em agroindústrias. No entanto, a crise econômica brasileira tem atingido também a comunidade haitiana na região, de modo que já registra-se desemprego entre esses trabalhadores e diversificação na atuação profissional.

⁴ Município com 205.795 habitantes, localizado no Oeste de Santa Catarina, cuja economia, historicamente é tradicionalmente focada na agroindústria agrícola e suinícola. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_tcu.shtm> Acesso em 30 mai. 2016.

⁵ A língua mais falada no Haiti, pela maioria da população, é crioulo; parte também fala francês.

HAITI: BREVE HISTÓRICO

Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à América Central, onde hoje conhecemos como Haiti, país que faz fronteira com a República Dominicana dividindo territorialmente uma ilha no Caribe, denominado de Ilha Hispaniola. Diamond (2009), ao analisar a sociedade desses dois países, traça um panorama socioeconômico e histórico-cultural desolador. O Haiti teve sucessivos governos corruptos, que estabeleceram políticas públicas de saúde e de educação ineficientes, e apresenta baixa produtividade agrícola (DIAMOND, 2009).

Na década passada, o Haiti já sofria com a falta de saneamento básico, água, eletricidade, educação e saúde. Inclusive, o autor salienta o aumento de casos de AIDS, tuberculose e de malária entre as taxas mais altas do mundo (DIAMOND, 2009). A densidade populacional era de 386 pessoas/Km² que viviam da agricultura de subsistência, sendo a economia de mercado calcada na exportação do café e da cana-de-açúcar. Também, destacam-se, a confecção de vestuário, pequena exploração turística e comércio de drogas que faz o trajeto Colômbia-Haiti-EUA. Assim, a população haitiana é extremamente estratificada: muitos pobres nas áreas rurais, nas periferias da capital do país, e uma pequena parcela elitizada, concentrada próximo a capital Porto Príncipe (DIAMOND, 2009).

No passado, o Haiti era rico em florestas de pinheiros, mas os constantes desmatamentos, desde os colonizadores, deixaram o país com sérios problemas de perda de fertilidade do solo. Além disso, há a erosão; nascentes e rios desprotegidos pela falta de matas ciliares; além da diminuição de chuvas, fatores que impactam negativamente na economia do país, tornando o Haiti “[...] o mais pobre do mundo fora da África” (DIAMOND, 2009, p.399).

Os nativos foram dizimados pelas doenças dos colonizadores e pelo trabalho escravo. Em 1519 havia um milhão de habitantes; menos de três décadas depois, 11 mil nativos, que foram reduzidos a 3 mil (DIAMOND, 2009). Com a falta de mão de obra, a opção encontrada pelos colonizadores foi trazer escravos da África. Autores salientam as diversas investidas de piratas franceses, holandeses e ingleses interessados no comércio escravo e no desenvolvimento de grandes plantações de monocultura: cana-de-açúcar e café (VALLER, 2007; DIAMOND, 2009). Assim, no século XVII, a parte francesa do Haiti tornou-se a colônia mais rica do Novo Mundo (VALLER, 2007).

Com o tempo, outras terras (México, Peru e Bolívia) tornaram-se mais atrativas, em função do grande número de nativos e de maiores riquezas naturais, desinteressando os colonizadores espanhóis pela Ilha (DIAMOND, 2009). Após perder a batalha para os escravos, no início do século XIX, a França vendeu suas posses aos EUA e abandonou a região,

sendo o Haiti o primeiro país a abolir a escravidão no ano de 1794. Com medo de novas investidas colonialistas, haitianos mataram “brancos” e destruíram grandes plantações, optando pela cultura de subsistência local (VALLER, 2007). Diamond (2009) aponta que esse modelo fundiário e econômico parece ter sido o principal responsável pela pobreza do país. Este contexto, aliado à inexistência de investimentos estatais na economia, bem como à instabilidade político-administrativa com sucessivos governos ditatoriais e corruptos⁶, confere ao Haiti poucas perspectivas de tornar-se um país com êxito no curto prazo.

A presidência da nação foi assumida por Papa Doc Duvalier, seguido de Baby Doc Duvalier – seu filho. Ambos administraram o país de forma a obter lucros para si mesmos, porém, em 1986, revoltas populares expulsaram Baby Doc da presidência e nova ditadura foi imposta ao país. Em 1990, Jean-Bertrand Aristide assumiu a presidência, tornando-se o primeiro líder haitiano a ser democraticamente eleito com 67% de votos. Embora padre, seu governo foi tão corrupto e despótico como o de seus antecessores (DIAMOND, 2009; VALLER, 2007). Aristide foi presidente do Haiti em três períodos: em 1991, de 1994 a 1996, e de 2001 a 2004 (VALLER, 2007).

Com o fim do seu mandato, o Haiti ficou “em situação de extrema vulnerabilidade com expressivas parcelas da sociedade civil, que conviviam com níveis alarmantes de pobreza, insegurança e violência” (VALLER, 2007, p.16). O fato é que, segundo a literatura, mais de um milhão de haitianos emigrou para os EUA, na década de 1960 (DIAMOND, 2009). Tal diáspora, aliás, ocorre na contemporaneidade e apresenta uma característica comum: os emigrantes “[...] enviam para casa (Haiti) ganhos que representam uma fração significativa” (DIAMOND, 2009, p.408) do que recebem, situação que impactou positivamente a economia haitiana. Não se sabe, ao certo, mas estima-se que milhões de haitianos encontram-se em diferentes países, com maior concentração nos Estados Unidos, República Dominicana, Canadá, França e Cuba (TÉLÉMAQUE, 2012).

Importante ressaltar outros dados acerca do Haiti: além de a população não poder contar com fontes alternativas de energia – pois não há floresta para transformarem em carvão, principal fonte de energia e, muito menos, água – também não conta com indivíduos escolarizados e profissionalizados, aptos a enfrentar os diferentes problemas. A situação de vulnerabilidade do Haiti pode ser demonstrada pela iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), em 30 de abril de 2004, com a criação das Missões das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), a fim de auxiliar no enfrentamento das dificuldades em

⁶ Vinte e um presidentes, dos 22, foram mortos ou depostos, no período de 1843 a 1915 (DIAMOND, 2009).

diferentes âmbitos (ALESSI, 2013).

O Brasil, com a presença de seus militares no país, ficou como líder dessa missão, cujo principal objetivo era promover a paz. Importante registrar que a pobreza do Haiti deve-se, também, a alguns condicionamentos, tais como a sua geologia que apresenta áreas montanhosas, onde “[...] a terra plana é muito menor do que a da República Dominicana [...], há mais terrenos de calcário, os solos são menos espessos e menos férteis e têm uma capacidade de recuperação menor” (DIAMOND, 2009, p.408).

Neste contexto, o país tem enfrentando uma profunda crise econômica, política e social e, para agravar ainda mais a situação, em 2010, um terremoto atingiu a capital do Haiti – Porto Príncipe – e as cidades de Leogane e Jacmel. O desastre resultou em cerca de 222.570 mortos, entre homens e mulheres, e 300.572 feridos. Com o impacto do terremoto, parte da população abandonou o Haiti, dirigindo-se à República Dominicana, um dos países que mais recebeu esses imigrantes, ficando com um grande número de pessoas feridas que necessitavam de atendimento médico (RAMOS, RODRIGUES E ALMEIDA, 2011). Desde então, o Brasil tem sido um dos destinos preferidos na América do Sul, principalmente o Centro-Oeste (São Paulo) e os três estados da região sul.

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: EUROPA E AMÉRICAS

A mídia tem mostrado os processos migratórios pelo mundo, em especial, nos países europeus: viagens clandestinas com imagens de pessoas em embarcações superlotadas que, por vezes, registram naufrágios com mortes em alto mar. Motivos como guerras, pobreza, questões políticas e religiosas têm forçado milhares de pessoas a emigrar. Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015) informa que hoje, no mundo, há cerca de 232 milhões de migrantes (3,2% da população), sendo que 59% deles vivem em regiões desenvolvidas⁷.

Predominantemente, a Europa ainda tem sido o destino mais procurado, atualmente com 72 milhões de imigrantes; seguida pelos Estados Unidos, com 46 milhões, sendo que no continente americano há 11 milhões de mexicanos⁸.

É sabido que a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas casas, mas o que os obriga a isto são questões de sobrevivência e, em menor número, casos de perseguição política, por raça, etnia, nacionalidade ou credo religioso. Segundo Klein (2010), um dos principais

⁷ ONUBR: Disponível em <<https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>>. Acesso em: 11 out. 2015.

⁸ Êxodo: Entenda a crise migratória no Mundo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=iCbMaPGuICI>>. Acesso em: 01 out. 2015.

responsáveis pela expulsão de pessoas de um país é o fator econômico. “Dados do Conselho Nacional de Imigração mostram que entraram ilegalmente, no Brasil, em 2009, cerca de 9 mil haitianos” (ALESSI, 2013, p.83) porém, como não são considerados refugiados, recebem visto humanitário, que tem caráter especial, concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti (ZENI & FILIPPIM, 2014).

Assim, de acordo com a Lei n.º 6.815, do Conselho Nacional de Imigração Normativa n.º 97 “Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês” (BRASIL, 2012). Recentemente, devido à crise econômica brasileira, a mídia divulgou que parte da comunidade haitiana que está no Sudeste está procurando outros destinos, dentre os quais o Chile⁹ e, em menor número, Estados Unidos da América. Segundo dados da Polícia Federal, estima-se que neste ano (2016), 3.234 haitianos saíram de nosso país.

A UFFS E A INSERÇÃO DE HAITIANOS

A UFFS nasceu de intensa mobilização de movimentos sociais regionais e teve um longo processo até sua implantação. Em 2005, com o Movimento Pró-Universidade Federal (MPUF) surgiu uma importante conquista para a interiorização do ensino público federal. A UFFS, além do compromisso com a educação básica, é considerada a primeira universidade oriunda dos movimentos sociais (TREVISOL, 2015).

Criada oficialmente em 2009, em 2013 aprimorou o acesso às vagas com as cotas e, um ano depois, aderiu ao Sistema de Seleção Unificada (SISU) como forma de processo seletivo. Neste sentido, a maioria dos ingressantes é oriunda de escolas públicas, de famílias de baixa renda, filhos de pequenos produtores urbanos e rurais da região que a UFFS abrange (TREVISOL, 2015).

O processo de acesso aos cursos superiores na UFFS atualmente é feito pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que também potencializa esse compromisso com a sociedade, conjuntamente com o fator da escola pública. Com seis *campi*, em três estados do sul – Paraná (Laranjeiras do Sul e Realeza), Rio Grande do Sul (Erechim, Cerro Largo e Passo Fundo) e Santa Catarina (Chapecó), em 2016 conta com 40 cursos de graduação, 4 cursos de especialização em andamento, 11 mestrados e 1 doutorado interinstitucional¹⁰.

⁹ Crise faz haitiano trocar Brasil pelo Chile. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 08 mai. 2016.

¹⁰ Disponível em: <http://uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=90&Itemid=822>. Acesso em: 21 fev. 2016.

Com o fluxo imigratório de haitianos para Chapecó, a UFFS foi acionada por um grupo de representantes deles que demandou a possibilidade de inserção na universidade, nos cursos de graduação. Assim, foi criado, em 2013, o Processo Seletivo Especial para Acesso à Educação Superior da Universidade Federal da Fronteira Sul para Estudantes Haitianos¹¹, o qual transformou-se em Programa, o PROHAITI, aprovado por consenso no plenário do Conselho Universitário (CONSUNI) da UFFS, em 12 de dezembro de 2013, com a presença do embaixador do Haiti – Sr. Madsen Cherubin. Iniciado no mesmo ano, o referido Programa contemplou a oferta de vagas para todos os *campi*. Na ata dessa reunião, os pontos abordados foram: “garantia da oferta de vagas não somente em Chapecó, garantia de apoio linguístico, não restringir a busca por auxílio financeiro, inserção de haitianos no futuro centro de línguas, como professores de francês” (UFFS, 2013, p.05). A Resolução n.º 32/2013 do CONSUNI, na mesma data, instituiu o PROHAITI, que segue alguns procedimentos para sua operacionalização:

O Programa consistirá na oferta de vagas suplementares para estudantes haitianos nos cursos de graduação da UFFS. [...] ofertadas por meio de processo seletivo especial, regido por edital próprio [...]. O aluno haitiano selecionado [...] será matriculado como aluno regular no curso de graduação da UFFS e estará submetido às regras do Regulamento de Graduação.

É sabido, também, que haitianos estudantes, ou não, estão inseridos em outros espaços educativos da UFFS: Projeto de Extensão “Português para Estrangeiros”, Projeto de Extensão “Web Rádio em Direitos Humanos” e “Oficina de Produção Escrita”. No Projeto de extensão “Português para Estrangeiros” são ministradas aulas presenciais de Língua Portuguesa, oportunizando uma vivência tanto com a língua, quanto com a leitura e escrita (UFFS, 2015). Nos demais projetos de extensão, os estudantes têm a possibilidade de aportar novas experiências na formação para além da sala de aula. Vale ressaltar que a UFFS, mesmo sendo uma universidade recente, disponibiliza vários projetos de pesquisa, cultura e extensão, através dos quais, os estudantes têm oportunidade de aprender, conhecer e vivenciar formação para além da universidade.

PROCESSO METODOLÓGICO

¹¹ PROHAITI/UFFS. Disponível em: http://www.uffs.edu.br/index.php?site=uffs&option=com_content&view=article&id=5831:uffs-iniciaprocessoseletivo-especial-para-cidadaos-haitianos-prohaiti&catid=37:noticiasinstitucional. Acesso em: 14 set. 2015.

Pesquisa com abordagem qualitativa segundo os objetivos, descritiva, que teve como instrumentos de produção de dados: entrevistas, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e diário de campo. Realizada no *campus* Chapecó, atendendo as exigências éticas da Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, 2012), foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (CEP-UFFS) pelo Parecer n.º. 1.496.144.

Foram entrevistados 33 sujeitos, sendo 21 estudantes haitianos e 12 gestores (Membros da Comissão PROHAITI, Chefes do Setor de Assuntos Estudantis da UFFS, Responsáveis pela Assessoria para Assuntos Internacionais; Diretores de *Campus* e Coordenadores Acadêmicos), sempre observando aqueles que encontravam-se responsáveis pelo referido órgão em 2013 – ano de implantação do PROHAITI – e em 2016, quando da realização da pesquisa.

Os contatos foram realizados por meio de correio eletrônico (*e-mail*), redes sociais ou abordagens diretas no *campus*; somente um pesquisado, em função de afastamento para Doutorado, respondeu por *e-mail*. De forma geral, todos os sujeitos foram acessíveis e cooperaram com a pesquisa.

Como procedimento de análise e interpretação das informações e dos dados foi adotado o hermenêutico-dialético (MINAYO, 2011). Optamos por este método devido à possibilidade de oportunizar uma abordagem das categorias de análise na perspectiva de uma compreensão, em profundidade, acerca do tema em pauta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos estudantes haitianos

Foram vinte homens e uma mulher. Destes vinte e um estudantes, oito frequentam a 1.^a fase, seis estão entre a 2.^a e 3.^a fases, e sete entre a 4.^a e 5.^a fases. Dez estão em cursos com turno integral, seis no período noturno e cinco no matutino.

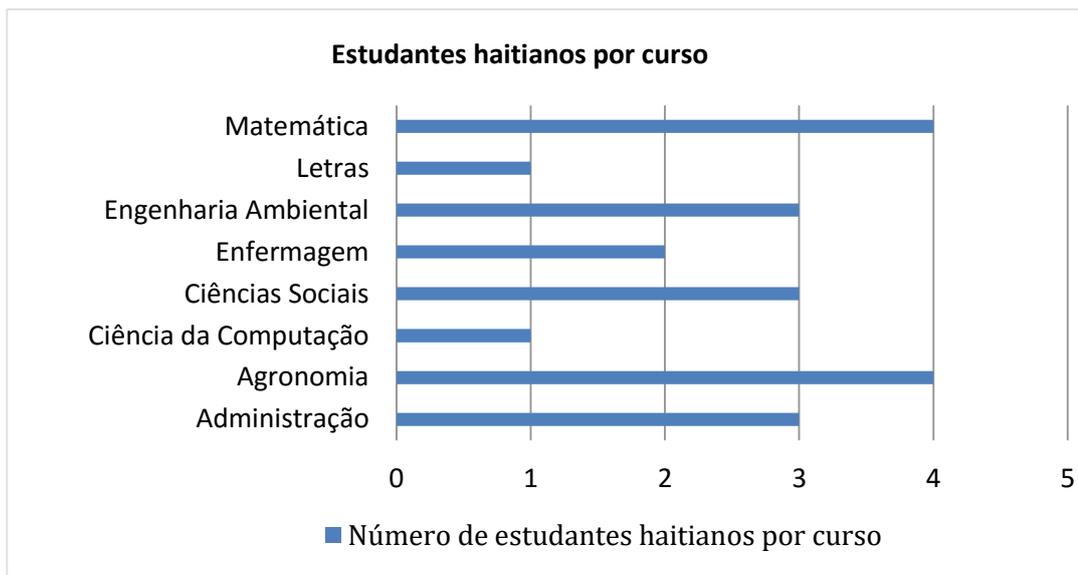


Gráfico 01: Cursos e número de estudantes 2016/1

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir das entrevistas, maio, 2016.

Várias rotas e mesmo destino: Brasil

Nas falas dos estudantes haitianos são citados diferentes itinerários para chegar ao Brasil. A maioria emigra do Haiti e, alguns, da República Dominicana, passando pelo Panamá, Equador, Peru até chegar ao Brasil, no estado do Acre. A viagem pode ser de duas formas: aquelas com o visto humanitário, realizada pelo maior número dos entrevistados, ou as ilegais/clandestinas, descritas por três estudantes: “Eu não cheguei aqui no Brasil legal, eu venho ilegal” (E18). Há agenciamentos feitos com “coiotes” – pessoas às vezes vinculadas ao governo – que cobram em média US\$ 2, 500.00 (dois mil e quinhentos dólares) (E09) para fazer a travessia. Assim, ao aceitar a viagem somente com o destino certo, mesmo sem saber como se dará o percurso, o haitiano não pode mais voltar; se mudar de ideia terá que pagar os custos novamente. Segundo um dos entrevistados, as condições são muito adversas: “é tipo uma vergonha para a vida, [...] numa simples viagem tudo o que uma pessoa luta para construir, é quase destruir” (E02).

Acesso ao ensino superior antes da UFFS

No primeiro semestre de 2016, havia 37 estudantes haitianos matriculados na UFFS, *campus* Chapecó, sendo que um deles estava em mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), *campus* Florianópolis, segundo informações da Comissão

PROHAITI. Ao perguntarmos se estudavam no Haiti ou República Dominicana antes de ingressar na UFFS, dezesseis estudantes responderam afirmativamente e cinco não. Os cursos iniciados e não concluídos são variados, com predominância, os de Administração, Engenharia Civil, e Informática. A fala de um deles é representativa: “Eu estudava Administração dois anos na Universidade do Estado do Haiti, faltava três semestre pra terminar, você sabe que, depois do terremoto, não dava mais pra ficar” (E17).

Ingressar na UFFS: uma oportunidade especial, uma grande chance!

O ingresso desse público alvo na universidade pesquisada ocorre pelo Programa para Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos (PROHAITI), através de edital semestral. O que tornou isso possível foi a demanda registrada em 2013 por uma mensagem de texto. Segundo informações da Assessoria para Assuntos Internacionais (AAI), no dia 30 de agosto daquele ano, receberam um e-mail com o título “Vontade de estudar”. Nele, um haitiano descrevia que foi até à UFFS no dia anterior, mas não tendo encontrado ninguém, resolveu enviar a seguinte mensagem: “pedir o Senhor se tem uma possibilidade pra que eu posso estudar aqui [...] meu sonho é "estudar". [...] Eu estava no terceiro ano do curso de Administração [...] em Haiti”. A partir desse fato significativo, a implementação do PROHAITI ocorreu de forma rápida, contando com suporte e apoio incondicional prestado pelo Reitor da instituição, já à época, professor Doutor Jaime Giolo.

De acordo com os estudantes haitianos, a divulgação do PROHAITI chegou até eles pela internet e, também, por amigos que já frequentavam algum curso na UFFS. Para fazer a inscrição, contudo, “tem que ter os diplomas, os históricos que provam que a gente fez o ensino médio [...] fizeram um acordo com Haiti, [...] e também, a legalização do Ministério das Relações Exteriores” (E08). Posteriormente à inscrição, é necessário fazer uma prova que, para os que têm um pouco de conhecimento da língua portuguesa, é “tranquila” (E06) mas, para os que não têm domínio, é considerada uma prova complexa e cansativa: “cheguei aqui na UFFS eu vi todas as coisas diferente, [...] a palavra português [...] eu não entendi nada” (E05).

Para os estudantes que ingressaram até o ano de 2015, havia uma prova – baseada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - com, aproximadamente, 60 questões envolvendo matemática, português, história e inglês. A partir do ano de 2016, essa prova foi reformulada e passou a ser uma redação que avalia o domínio da língua portuguesa escrita, segundo informações da AAI (2016). Dependendo desse resultado, o aluno matricula-se nos cursos

disponíveis, logo, nem sempre o curso frequentado é de seu interesse, devido à nota da prova de seleção: “Eu escolher Ciência da Computação, não dar certo, [...] eu peguei Ciências Sociais, na verdade, não é o curso que eu gosto” (E10).

No final desse semestre (2016) o Edital n°. 497/UFFS/2016 disponibilizou seis vagas para os cursos de Administração, Ciências da Computação e Pedagogia; duas vagas para cada. De acordo com dados da Secretaria Acadêmica, do *campus* Chapecó, desde 2013, ingressaram 64 estudantes haitianos, no PROHAITI, demonstrados no gráfico a seguir:

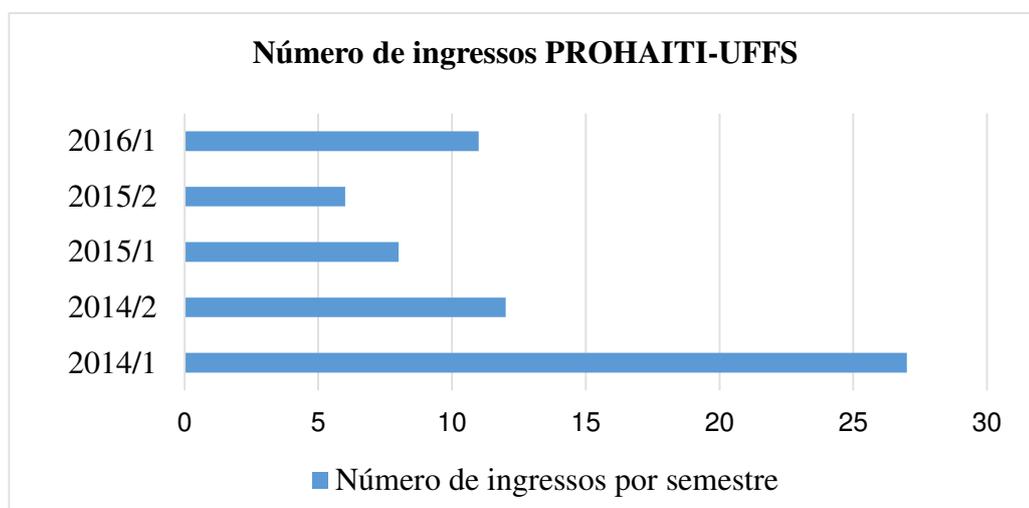


Gráfico 02: PROHAITI ingressos por semestre

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de dados da Secretaria Acadêmica UFFS *campus* Chapecó, junho, 2016.

Considerada um privilégio, a inserção dos estudantes por meio do PROHAITI é muito valorizada, uma vez que proporciona ensino gratuito, diferentemente de outros países como Estados Unidos, onde é necessário pagar uma taxa para estudar. Informam que até mesmo no Haiti, devido à concorrência na universidade pública, o acesso é difícil: “pega só 100 aluno [...] toda região do Haiti vem participar na prova [...] primeiro [...] segundo [...] terceiro ano não consegui [...] tem 6 mil, 7 mil postulante que vai entrar pra fazer Psicologia, vai escolhe só 100 por ano” (E18).

Assim, o acesso a uma universidade federal brasileira é um grande passo, um apoio, uma forma de adquirir novos conhecimentos, uma nova chance em suas vidas. Situação essa que, às vezes, torna-se difícil e exige sacrifícios para manter, pois envolve a administração do tempo e energias para dar conta dos estudos associados ao trabalho. A fala, a seguir, ilustra tal situação: “cada semestre eu faço quatro disciplina deixo um dia pra estudar fazer as coisas. Juntar estudo com trabalho é pouco difícil” (E17).

PROHAITI - UFFS: Diálogos com gestores e estudantes haitianos

O PROHAITI é considerado, pelos estudantes haitianos entrevistados, um ótimo projeto/programa. A maioria destaca não ter conhecimento amplo a respeito dele, mas reconhece a importância que tem em suas vidas, principalmente pela oportunidade oferecida. Desta forma, em diversos momentos nas entrevistas, manifestaram agradecimentos a quem propiciou a sua criação e implementação. Verbalizam da seguinte forma, por exemplo: “oportunidade especial [...] pra nós que não estão na nossa terra, tentei entrar na faculdade no Equador não tem programa não tem nada, [...] não sei quando vou parar de agradecer. [...] Venho aqui estudar de graça, tenho que agradecer” (E16).

Os estudantes haitianos perguntaram, durante a entrevista, sobre o futuro do Programa, se ele continuará ou se terá fim. Ao mesmo tempo, sugeriram que a Comissão PROHAITI faça um maior acompanhamento a respeito do que está acontecendo com eles, bem como sua situação na UFFS. Para os gestores da universidade, o PROHAITI é um bom programa, que precisa melhorar em alguns pontos, conforme a Coordenação Acadêmica: “É um programa com o foco no acesso, [...] precisa avançar visando a permanência”. Outro gestor entrevistado entende que o PROHAITI é um programa de acesso muito importante, principalmente pelo fato de a UFFS levar em consideração os direitos humanos e políticas inclusivas. Através do contato com os haitianos podemos conhecer outras culturas, além de contribuir para a internacionalização da universidade.

O acolhimento: Há pessoas boas e pessoas más

Embora vivendo em um país que não é o deles, imersos em uma região com traços culturais de colonizadores europeus, diferentes dos que conhecem, os haitianos relatam, de uma forma geral, sentir-se bem na UFFS. Para exemplificar, destacamos a fala de um dos entrevistados: “Não tenho problemas [...] eu estou muito feliz com eles” (E11). Dos vinte e um estudantes entrevistados, oito disseram que as relações estabelecidas neste espaço os deixam felizes, possibilitando trocas de experiências. Afinal, viver fora do país exige adaptação, inclusive à situações que, às vezes, causam desconforto. Nesse sentido, encontram aqui diferentes tipos de pessoas, aquelas que são receptivas, que acolhem os estudantes com respeito

e gentileza, mas também outras que nem aceitam um estrangeiro nos trabalhos em grupo, em sala de aula.

Com relação aos professores, os estudantes afirmam que alguns ajudam, tiram dúvidas, perguntam se o aluno entendeu; porém, há outros que parecem nem se dar conta de que suas aulas são frequentadas por estudantes estrangeiros: “Tem professores que colaboram, tem outros que estão nem aí, [...] nem sabem quem eu sou, se sou haitiana, se sou brasileira” (E8).

Negros entre brancos, também somos humanos!

Em contrapartida ao que os haitianos dizem sobre como sentem-se na universidade, algo merece destaque: “a gente ouve falar da oportunidade, eu fiquei assustado nisso aqui” (E07). Esse sujeito referia-se ao preconceito percebido quando de sua chegada à Santa Catarina, apontando que o preconceito racial é forte nessa região. Situações de discriminação são vivenciadas no cotidiano, a ponto de um deles dizer que no ônibus (da UFFS para o centro de Chapecó) muitas vezes, ninguém senta ao seu lado. Sentem-se alvo de olhares e de desaprovação, ao passo que entendem haver uma separação racial com base na cor da pessoa: “preta” (E04) ou “branca”.

O preconceito no Brasil acontece de todas as formas e não se restringe apenas à cor da pele. Alguns relatam que sofrem discriminação com mais frequência nos espaços da UFFS do que fora dela. Para outros, ela é considerada um problema, simbolizando tristeza e desconforto. Apesar destas situações, eles reconhecem seus direitos, e apontam que é necessário intensificar a consciência coletiva, por meio da fraternidade: “Tem que respeitar, nós somos humanos [...] tem gente que trata mal, [...] parei de pensar pra não fazer mal” (E16).

Permanência na UFFS: Enfrentamento a ser feito

Permanecer no ensino superior é uma tarefa difícil, o estudante brasileiro das classes populares é sempre trabalhador, a exemplo dos colegas haitianos. No entanto, estes alegam não saber que teriam que trabalhar e estudar, deparando-se com muitas dificuldades. Um dos entrevistados verbalizou da seguinte forma: “Dificuldade? Eu acho que de 1 a 10, eu tenho as 10” (E01). A principal delas refere-se à questão do emprego/profissional: dos vinte e um estudantes entrevistados, dez são funcionários das agroindústrias de Chapecó-SC e alegam falta de tempo para estudar, pesquisar e fazer os trabalhos inerentes ao curso. Uma das falas é

representativa: “Tenho pouquinho tempo para estudar eu tenho que trabalhar [...] tenho sono não posso estudar” (E6).

Devido ao horário de trabalho, a alternativa encontrada para permanecer na UFFS é postergar algumas disciplinas para os próximos semestres, principalmente no caso dos que cursam o período integral. Neste mesmo contexto, outra dificuldade encontrada pelos haitianos, já no início da graduação, é a falta de domínio da língua portuguesa, alguns não conseguem entender o que os colegas ou os professores estão falando. Assim, acabam reprovando: “Tenho dificuldade sobre a língua portuguesa e por causa disso reprovei em duas matérias” (E07).

Outro problema enfrentado pelos haitianos refere-se à demandas financeiras. Alguns relatam que, no Brasil, o custo de vida é elevado, o valor do aluguel acompanhado de despesas básicas, vai além do salário que recebem. Um dos estudantes comparou a situação brasileira com a dos Estados Unidos: “Aqui no Brasil é pouquinho dinheiro [...] depois eu sei que vou para os EUA (...) Com dois mil reais não consegue comprar carro nem casa aqui no Brasil” (E03).

A socialização também foi abordada pelos estudantes como uma questão importante. Quatro dos entrevistados disseram sentir-se sozinhos na sala de aula. Afirmção exemplificada na fala desse estudante (E17): “tem problema de confraternizar com nós, em trabalhos de grupo”, dando a entender que no meio acadêmico alguns sentem-se isolados ou excluídos. Por outro lado, há um caso diferente, representado por um aluno haitiano, que registrou: “[...] início teve um colega sempre me ajudava, nas produções textuais, e eu ajudava em cálculos e química, é uma contribuição” (E9), demonstrando, assim uma parceria entre colegas brasileiros e haitianos.

Cabe ressaltar que a UFFS, entre outros recursos, conta com o Setor de Assuntos Estudantis (SAE) para atender a comunidade acadêmica. Relacionado a ele, conforme entrevistas realizadas entre gestores, tal como os estudantes brasileiros, os haitianos também podem solicitar o cadastro socioeconômico (Resolução n.º 001/2011) e, em seguida, inscrever-se para os auxílios previstos nos editais (Edital n.º 035/2016). Esses auxílios (alimentação, moradia, transporte, auxílio estudantil, e também auxílio ingresso) são concedidos a partir do índice de vulnerabilidade de cada um (SAE, 2013). Logo, na opinião de alguns estudantes haitianos, os auxílios socioeconômicos não estão sendo suficientes para garantir a permanência deles nos cursos de graduação: “este negócio, a pessoa tá recebendo uns auxílios, se tu não tiver, uma outra, um outro fundo, alguém que tá te ajudando você vai morrer! Porque tu tem que pagar o aluguel” (E01).

No decorrer desta pesquisa, percebemos que para os haitianos imigrar significa uma forma de reconstruir suas vidas, devido ao fato de seu país encontrar-se em situação de extrema vulnerabilidade. De fato, mesmo recebendo ajuda internacional de vários países e ONGs, o Haiti necessita ser reconstruído. Isso porque com o terremoto em 2010 e números alarmantes de cólera, piorou muito a situação que já era preocupante, portanto: “é preciso construir estradas, erguer barragens, participar da organização do Estado, do Sistema Judiciário” (SEITENFUS, 2014, p. 412).

Neste sentido, acreditamos que o Brasil cumpriu seu papel abrindo as portas para os haitianos, em 2012, por meio do visto humanitário descrito na Lei n.º 6.815, do CNI n.º 97, porém, muitas questões precisam mudar, tais como: o acolhimento desses imigrantes para melhor e o suporte em questões simples que, para eles, são primordiais – o domínio da língua portuguesa e auxílio financeiro.

Assim, entendemos que o PROHAITI vai ao encontro dessa realidade, tanto em sua implementação, de acordo com as demandas apresentadas pelos próprios haitianos e, também, pelo lema da universidade no sentido de defender os direitos humanos e priorizar o ingresso de estudantes oriundos de escolas públicas. Constatamos que, ao adentrarem pelo PROHAITI, alguns estudantes reclamam não receber o acolhimento do qual necessitam. Pensam que a comissão PROHAITI tem a responsabilidade de tudo que é relacionado à vida acadêmica deles. Neste sentido, acreditamos que há uma falta de conhecimento sobre a função e o papel dessa comissão, bem como, sobre a estruturação do ensino superior brasileiro.

Quando chegam à UFFS deparam-se com muitas dificuldades, entre elas, o preconceito racial, sentido cotidianamente, por vezes maior dentro do ambiente universitário do que fora dele. Um exemplo é relatado pela Direção de *Campus*: “um estudante [...] teve uma banana colocada na sua mochila. Isso é um ato inegável de racismo, a banana é uma representação social do negro como macaco, um branco não fica ofendido quando recebe uma banana, o negro sim”.

Alguns meios de comunicação¹² têm o hábito de focar, repetidas vezes, nos dilemas do povo haitiano, construindo uma visão de que eles são um problema. Dessa maneira, incitam a sociedade a ver os haitianos de forma desqualificativa, na qual não são valorizados. Mesmo sendo um programa, o PROHAITI não conta com um projeto específico; sua legitimidade ocorre pela Resolução n.º 32/2013, do CONSUNI da UFFS. Logo, carece de elaboração de projeto, a fim de garantir sua existência, independentemente das gestões futuras. A Comissão

¹² Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/racismo-contra-imigrantes-no-brasil-e-constante-diz-pesquisador,95b70f30578db585a2713f9eac303f16zdlkRCRD.html>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

PROHAITI foi reformulada nesse ano de 2016 e debates estão sendo feitos com o objetivo de organizar e integrar estudantes e membros do PROHAITI com a comunidade acadêmica.

A inserção de haitianos na UFFS é uma iniciativa muito importante, porém como está em fase de reformulação, as demandas locais estão centradas nas dificuldades de permanência. Conforme autores (ZENI, FILLIPIM, 2014), para que projetos e programas possam ser implementados é necessário envolvimento e mediação da sociedade e do Estado. No caso do PROHAITI, o acesso está sendo oferecido; a pergunta que se faz é como proporcionar a permanência? Neste sentido, a ideia proposta não é minimizar a responsabilidade da Comissão PROHAITI, mas envolver docentes, discentes, funcionários e comunidade externa, levantando as questões pertinentes e tentando encontrar soluções para seu enfrentamento.

Percebemos, também, que os auxílios oferecidos pelo SAE não estão suprimindo adequadamente as necessidades desses estudantes. Alguns não recebem o auxílio-moradia devido a critérios do próprio edital, que somente contempla aqueles que não têm moradia anterior em Chapecó, o que exclui os haitianos visto que eles moram no município.

Podemos dizer que, através desta pesquisa, conhecemos os dois lados, tanto o dos estudantes, quanto o dos gestores. Todos são conscientes da importância do PROHAITI e apontam para algumas mudanças que podem ser feitas. Desde a criação do Programa ingressaram 64 haitianos, sendo que no primeiro semestre de 2016 há 37 estudantes haitianos matriculados, demonstrando que a evasão, até o momento, é de, aproximadamente, 24%.

Colocamos em pauta também a questão do trabalho, tendo registrado que a maioria deles, atuando nas agroindústrias, parece não gostar do que faz. Em alguns momentos, dão a entender que acham o trabalho exaustivo e acreditam encontrar-se em situação de exploração. Tal entendimento é referido da seguinte forma por um dos entrevistados: “a empresa do Chapecó [...] e outro do Brasil pensa pra receber haitiano pra trabalhar como escravo” (E04).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando na imigração haitiana, para o Brasil, podemos dizer que é um fenômeno recente, que precisa ser pesquisado e compreendido. Com a presença dos militares brasileiros no Haiti e, em 2004, principalmente, após o terremoto em 2010, os haitianos ficaram mais próximos do Brasil e foram criadas as condições para obtenção de vistos humanitários.

A existência do PROHAITI na UFFS é vista como uma grande oportunidade. Para os haitianos, para os familiares que ficaram no Haiti e também para gestores da UFFS, devido às trocas culturais entre brasileiros e haitianos, e pela própria internacionalização da universidade.

Esta nova realidade exige adaptações, pois as dificuldades existem e permanecer aqui é um desafio para todos. O PROHAITI que ainda tem como foco o acesso precisa avançar em questões de permanência, sendo esse um dos grandes desafios desse programa.

Os principais problemas enfrentados pelos haitianos, referentes a esta nova vida, remetem-se ao fato de terem que trabalhar e estudar; além de limitações com o idioma, que dificultam a integração e a socialização com colegas e a sociedade chapecoense.

Não obstante, o preconceito na região é grande por serem estrangeiros e negros, de modo que certos comportamentos e atitudes refletem atitudes racistas, causando constrangimentos e frustrações para os haitianos. Alvos de discriminação étnica e racial estão expostos a diferentes formas de violência dos direitos humanos no seu cotidiano.

Haiti is also here: Haiti's students on Federal University of Fronteira Sul

Abstract

The earthquake that struck Haiti, in 2010, had left thousands homeless, dead and injured; one of its consequences has been the emigration, and Brazil is one of the destinations, to be more accurate, the city of Chapecó. At this city, a group of Haitian immigrants searched for UFFS officers and demanded the creation of an education program, so, as a result, in 2013 has been created the Program of Access to Higher Education of Federal University of Fronteira Sul to Haitian Students (PROHAITI). Interviews, bibliographical research, documental research and field diary were used as tools of data production, via qualitative and descriptive approaches to understand the process of insertion and permanence of Haitians on UFFS, campus Chapecó. By this way, we are able to know about Haiti's history, besides verify how is the acceptance of these immigrants in UFFS. We also compiled information concerning the Haitians' perceptions about their new life to provide data to PROHAITI. Preliminary results indicate that is necessary to create programs to the Haitians students. As we found by the interviews, efficient strategies of permanency are necessary to support these immigrants that face many difficulties in learning a new language, working all day long and suffering race discrimination, among others.

Keywords: Higher education. Haitians. Access to the university. PHOHAITI. Public policy. Education.

Haiti también está presente: estudiantes haitianos en la Universidad Federal da Fronteira Sul

Resumen

El terremoto que ocurrió en Haití, en 2010, dejó millones de personas sin hogar, muertos y heridos. Una de las consecuencias fue la emigración, haciendo de Brasil uno de los destinos, y, más específicamente, la ciudad de Chapecó, Santa Catarina. La demanda de educación superior se realizó mediante un grupo de haitianos que buscó autoridades de la UFFS, quienes, en 2013, crearon el Programa de Acceso a la Educación Superior de la Universidad Federal da Fronteira

Sul para Estudiantes Haitianos (PROHAITI). A partir de una investigación cualitativa y descriptiva que utiliza como instrumentos de producción de datos: entrevistas, investigación bibliográfica, investigación documental y diario de campo, se intentó comprender el proceso de inserción y permanencia de haitianos en la UFFS, en el *campus* Chapecó. De esta manera, logramos conocer la historia de Haití, verificamos cómo se recibe y acoge a estos inmigrantes en la UFFS y su inclusión en la universidad, investigamos, también, cómo los haitianos perciben este nuevo contexto en sus vidas , así como los problemas que afrontan a fin de obtener subsidios para PROHAITI, programa que se encuentra en proceso de evaluación. Los resultados preliminares indican la necesidad de organizar el proyecto/programa PROHAITI, ya que todavía se rige por resoluciones y convocatorias, y requiere ser formalizado como política pública. Del mismo modo, a partir de los relatos de los estudiantes y directores del programa, se deben crear estrategias de manejo más eficaces para que la permanencia de haitianos en la universidad no se vuelva inviable debido a su condición de estudiantes trabajadores, actitudes racistas por parte de la comunidad académica, barreras lingüísticas, entre otros.

Palabras clave: Educación Superior. Haitianos. Acceso a la universidad. PROHAITI, Política pública. Educación.

REFERÊNCIAS

ALESSI, B. L. M. A Migração de Haitianos para o Brasil. **Conjuntura Global**. Curitiba, v. 2, n .2, p. 82-86, abr./jun, 2013.

Disponível em:

<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2013/04/AMigra%C3%A7%C3%A3o-de-Haitianos-para-o-Brasil.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2015.

BRASIL. Lei nº 6.815. Conselho Nacional de Imigração. Resolução normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.refworld.org/pdfid/54e748424.pdf> > Acesso em: 18 nov. 2015.

DIAMOND, J. **Colapso: como as sociedades escolhem os fracassos ou o sucesso**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KLEIN, S, Herbert. Migração Internacional na história das Américas. IN: FAUSTO, Boris (Org). **Fazer a América: a imigração em massa para América Latina**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2010. cap.2, p.13-32.

Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=sFEuUUyJrSEC&printsec=frontcover&dq=Imigra%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CCYQ6AEwAmoVChMIz5G-janyAIVAyKQCh0klQa-#v=onepage&q=Imigra%C3%A7%C3%A3o&f=false>> Acesso: 21 set. 2015.

MINAYO, M C. de (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução N°466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em:
http://www.uffs.edu.br/images/proppg/CNS__RESOLUAO_466_PESQUISA_EM_HUMANOS__DO__13_06_13_1.pdf Acesso em: 09 nov. 2015.

RAMOS, A C; RODRIGUES G; ALMEIDA G A. **30 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SEITENFUS, Ricardo. **HAITI: Dilemas e Fracassos Internacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

TÉLÉMAQUE, J. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2012. Monografia.

TREVISOL, J V. O ensino superior público na Mesorregião Fronteira Sul: a implantação da UFFS. In: RADIN, J. Carlos; VALENTINI J. Delmir e ZARTH A. Paulo (org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letras & Vida: Chapecó: UFFS, 2015. cap.16, p.333-352.

UFFS. **Ata da 11ª Sessão Ordinária do CONSUNI- dezembro/2013**. Chapecó-SC. p.4-9.

VALLER F, W. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: FUNAG, 2007.

ZENI, K; FILIPPIM, S. E. Migração haitiana para o Brasil: Acolhimento e políticas públicas. **Pretexto 2014**. Belo Horizonte. v.15, n. 2, p. 11-27, abr/jun, 2014.